

FACULDADE UNINA
VANESSA ROBERTA MASSAMBANI RUTHES¹

A LECTIO DIVINA COMO PRÁTICA ESPIRITUAL

Curitiba
2023

¹ Discente do Curso de Graduação em Teologia da Faculdade UNINA,
vanessa_ruthes@yahoo.com.br

FACULDADE UNINA

A LECTIO DIVINA COMO PRÁTICA ESPIRITUAL

Artigo Científico entregue à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: prof. Alisson Sant'Anna

Curitiba

2023

A LECTIO DIVINA COMO PRÁTICA ESPIRITUAL

Resumo: A partir do Concílio Vaticano II a Palavra de Deus volta a ser central para a vida da Igreja. Nesse contexto os documentos retomam a importância do estudo e da oração com a Sagrada Escritura. Na Igreja Antiga a *Lectio Divina* se constituía um itinerário espiritual que tinha como pressuposto os ensinamentos bíblicos. Entretanto, tal prática foi perdendo o sentido originário ao longo dos séculos, sendo resumida a um método de oração com três passos. Entretanto, ao retomar os escritos medievais, percebe-se que, na atualidade é possível retomar o sentido originário da *Lectio Divina*, tornando-a uma prática espiritual que busca uma vida de integração com Deus.

Palavras-Chave: *Lectio Divina*, Sagrada Escritura, Espiritualidade.

Abstract: Since the Second Vatican Council, the Word of God has once again become central to the life of the Church. In this context, the documents return to the importance of studying and praying with Sacred Scripture. In the Ancient Church, *Lectio Divina* was a spiritual journey based on biblical teachings. However, this practice lost its original meaning over the centuries, being reduced to a three-step prayer method. However, when returning to medieval writings, it is clear that, nowadays, it is possible to return to the original meaning of *Lectio Divina*, making it a spiritual practice that seeks a life of integration with God.

Keywords: *Lectio Divina*, Sacred Scripture, Spirituality.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos - principalmente após o *Sacrosanctum Concilium Vaticano II*, quando se volta a “propor a primazia da palavra de Deus na vida da Igreja” (FIORES, GOFFI. 1993. p. 897), - ocorreu uma orientação cada vez maior para a dedicação ao estudo e oração das Sagradas Escrituras. A Constituição *Dei Verbum*, utilizando-se das Palavras de Sto. Agostinho, expressa a importância deste resgate para ação evangelizadora da seguinte forma: “para que o mundo inteiro, ouvindo, acredite na mensagem da salvação, acreditando espere e esperando ame” (COMPÊNDIO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1986, p. 121).

A mesma Constituição ressalta que é dever dos padres, dos religiosos e dos leigos, principalmente os que se consagram ao ministério da palavra, como os catequistas, se dedicar ao estudo profundo da Sagrada Escritura. Mas acima de tudo estes devem lembrar: “que a Leitura deve ser acompanhada de oração para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem (...) a fim de que nenhum destes se torne *pregador vão e superficial da palavra de Deus, por não a ouvir de dentro*” (COMPÊNDIO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1986, p. 127).

Assim, percebe-se que na dedicação à Palavra de Deus a dimensão da oração é fundamental, por isso pretende-se, nesse pequeno estudo, se efetivar uma análise acerca da *Lectio Divina* buscando, em suas fontes, a inspiração para sua prática na sociedade pós-moderna. Tendo em vista que estas se constituem realidades diferentes, proceder-se-á uma análise sobre o que é a *Lectio Divina*, quais são suas fontes, como ela se configurou na história, quais foram os problemas de interpretação de sua prática. Com estas informações procurar-se-á resgatar o sentido desta prática, inserindo-a no contexto social próprio da atualidade.

A FORMAÇÃO DE UMA PRÁTICA ESPIRITUAL.

Como todo o conceito e toda a prática espiritual e religiosa a *Lectio Divina* recebeu, durante toda a história, várias interpretações que foram alterando o sentido original. Por esse motivo, é de fundamental importância realizar um resgate epistemológico do termo. A expressão *Lectio Divina* provém do latim, a palavra *divina* é uma derivação do adjetivo latino *divinu*, que indica aquilo que é relacionado ou pertencente a Deus. Já a palavra *lectio* significa lição, num sentido derivado pode significar também um texto ou conjunto de textos nos quais se encontram lições e ensinamentos.

Posteriormente, ela também foi traduzida por leitura, contudo essa compreensão possui duas incongruências: uma de caráter etimológico e o outro de originalidade.

Etimologicamente a palavra leitura vem do latim *legere*, que significa a atitude de conhecer, compreender e interpretar um texto, fato que denota uma racionalidade metódica como meio e finalidade. A finalidade da *Lectio Divina*, por sua vez, é de cunho espiritual e existencial. No Cristianismo primitivo vários teólogos já alertavam para esse risco. Como afirma Clément (2003, p. 94): “Quanto a ti, entrega-te com zelo à leitura das Escrituras, com fé e com a boa vontade que agrada a Deus. Não basta bater e procurar; o que é preciso, antes de tudo, para obter a inteligência das coisas divinas, é a oração”. Outro ponto a ser destacado é que originalmente a *Lectio Divina* não se configura como uma atitude humana perante o texto sagrado, mas sim a própria Sagrada Escritura, “*Lectio Divina* é sinônima de *sacra pagina*”, que revela Deus (VEILLEUX. 1995. 2).

Assim a *Lectio Divina* é mais do que uma leitura metodológica da Sagrada Escritura, como também transcende a concepção de um momento de oração com o texto bíblico, ela é uma escola de vida na qual o fiel atento ao ensinamento procura aplicá-lo em sua vida, por meio de uma constante busca de conversão de seus costumes. Como afirma Renault (2000, p. 42-43):

Alguém perguntou a abba Antão: “que devo fazer para agradar a Deus?” Respondeu o ancião: “Observa o que te ordeno: onde quer que vás, tem sempre a Deus diante dos olhos; o que quer que faças, tem o testemunho das Sagradas Escrituras, de qualquer lugar onde estiveres não te afastes facilmente”. Observa estas três coisas e serás salvo.

É importante destacar que essa diferenciação entre *lectio* e *legere* não pode ser compreendida de forma restrita. A leitura é o meio pelo qual se tem acesso ao texto bíblico, entretanto, ela não é um fim em si mesma, ela é um primeiro passo, o primeiro degrau que nos leva a prática da *Lectio Divina*.

É importante destacar que essa concepção advém da tradição judaica, que compreendia que o papel primordial da Escritura era formar o ser humano e encaminhá-lo na senda reta, nos caminhos de Deus. Em hebraico, o termo palavra é *dabar*, que etimologicamente significa: o âmago das coisas, aquilo que nelas se encontra escondido. Assim, na teologia judaica, a Palavra exprime o que está nas coisas, torna visível e atuante o que lhes é interior, como sua realidade dinâmica mais profunda, exprime e leva à realização de sua vocação. Assim, pela Palavra, sua leitura, sua meditação e sua oração trariam o ensinamento necessário a uma vida de justiça. É interessante perceber que a tradução mais exata de *Torah* é ensinamento, mas um ensinamento que visa indicar a direção para a qual se deve caminhar (MIHALOVICI. 1974. 90; AUSUBEL. 1989. 81)

Assim seu estudo se torna um imperativo na vida do povo judeu.

A Torah é a revelação divina compreendida nos cinco livros de Moisés, continuada e explicada pelos profetas e por outra tradição não escrita, a dos Padres. Tem a autoridade por causa de sua origem divina. Sua finalidade é conduzir ao homem no caminho reto da Vida (MIHALOVICI. 1974. 89).

A partir dessa perspectiva é que a *Lectio Divina* foi entendida e vivenciada nos primeiros séculos da Igreja. Com o passar do tempo ela foi recebendo diferentes interpretações e significados, que eram constituídos a partir da visão de mundo dos diferentes tempos históricos.

A LECTIO DIVINA: VARIAÇÕES DE COMPREENSÃO NA HISTÓRIA.

Nos primeiros séculos da fé cristã a visão de mundo se pautava, efetivamente, em uma compreensão de que Deus estava presente e permeava todos os espaços. Ele era um *Deus conosco*, próximo, existencial. Não havia a possibilidade de conhecê-lo, mas tinha-se a convicção de que a partir Dele todas as coisas possuíam existência.

Como afirma Clément (2003, p. 33) “Deus é Sopro, pois o sopro do vento pertence a todos, atravessa tudo, nada o aprisiona, nada o pode capturar”. O mesmo autor acrescenta:

Devemos agora celebrar esta Vida perpétua da qual procede toda vida e pela qual todo vivente recebe a vida, na medida de sua capacidade (...). Quer fales da vida espiritual, racional ou sensível, da que alimenta e faz crescer, ou de qualquer vida que possa existir, é graças à Vida, que transcende toda vida, que ela vive e vivifica (...). É muito pouco dizer que esta Vida é viva. Ela é o Princípio de vida, única Fonte de vida. É ela que perfaz e diferencia toda vida, e é a partir de toda vida que convém celebrar o seu louvor (...). Doadora de vida e mais que vida, merece ser celebrada com todos os nomes que os homens possam atribuir a esta Vida inefável (DIONÍSIO AREOPAGITA. Nomes divinos, VI, 1 e 3. in: CLÉMENT. 2003. p. 34).

A vida era um eterno celebrar a Deus e uma eterna criação, na qual Deus, a cada dia, refaz sua obra afim de que ela chegue à plenitude do ser. Por este motivo o homem procurava viver de forma tal que sua conduta agradava a Deus.

Poder-se-ia perguntar: no que a *Lectio Divina* contribuiria para tal? Como se já foi apresentado ela se constituía a prática primeira que proporcionava ao ser humano a busca constante de conversão de vida, que paulatinamente vai proporcionando o resgate de sua semelhança com Deus: “Tal é a ordem, o ritmo, o movimento pelo qual o homem criado e modelado torna-se a imagem e semelhança do Deus incriado; o Pai decide e ordena, o Filho executa e modela, o Espírito nutre e faz crescer, e o homem progride pouco a pouco”. (IRINEU DE LIÃO, Contra as heresias, IV, 38, 3. in: CLÉMENT. 2003. p. 73)

Contudo, esta forma de visão acabou sofrendo modificações essenciais ao longo dos séculos e aproximadamente no século XI e XII ganhou uma nova interpretação. Aqui se deve ter em mente que as mudanças sociais – a saída do campo (feudo) para as cidades, a Igreja já estabelecida como instituição com poder espiritual e temporal

(político) - influenciaram muito na formação de uma nova visão de mundo. “Com a crescente prosperidade da Europa, o clero da Igreja encontrava mais tempo para investigar os interesses intelectuais. (...) a Igreja começou a patrocinar uma tradição de erudição e educação de extraordinário rigor e profundidade” (TARNAS. 2000. p. 197). Percebe-se que o interesse desta época estava no aprofundamento do saber teológico. As obras piedosas não estavam mais tão ligadas a uma vivência profunda, mas a “assistência a alguns ofícios religiosos, a certas procissões, a prática de certas devoções” (LE GOFF. 1988. P. 70).

Considerando esses aspectos, a Sagrada Escritura era tomada, muitas vezes, como um livro de estudo. Com o tempo, *Lectio Divina*, como prática espiritual vai entrando em desuso. Salienta-se, que nesse período, um outro grande movimento intelectual, denominado de nominalismo, indicava cada vez mais para a negação da revelação divina, e a primazia da análise dos bens criados.

Somente no Concílio Vaticano II é que a Palavra de Deus volta a ter uma centralidade na vida da Igreja, sendo considerada a “genuína doutrina sobre a Revelação divina e sua transmissão” (COMPÊNDIO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1986, p. 121). Entretanto, o resgate da centralidade da Palavra, na vida da Igreja se constitui um desafio, considerando o cenário do mundo contemporâneo.

LECTIO DIVINA: PALAVRA - REVELAÇÃO - ESPIRITUALIDADE.

A *Lectio Divina* proporciona um relacionamento profundo com Deus, por meio da Sagrada Escritura que lida e interpretada a partir da Tradição da Igreja, se constitui a Palavra de Deus. Como na Tradição Judaica, é a partir da Palavra que tudo é criado, pois a essa expressa o âmago das coisas, o que elas são em sua essência.

Para os cristãos o sentido da Palavra não é muito diferente do que para os judeus. É no Evangelho de São João que se encontra a

passagem da qual se retira o conceito: “No princípio já existia a Palavra e a Palavra se dirigia a Deus e a Palavra era Deus. (...) [E] e a palavra se fez homem e habitou entre nós” (Jo. 1, 1). Destacamos que o evangelista escreve para as comunidades gregas. Nesse sentido, a fundamentação teológica é diferenciada. Nessa passagem não é o conceito de *basar* que está presente, mas sim o de *logos*. Em João o *logos* pode ser entendido: como agente da criação e como o intermediador entre Deus e o homem.

Nesta concepção a Palavra é deveras atuante na vida humana, por meio dela é a Revelação divina acontece. A oração e a meditação da Palavra, é em primeiro, fonte de revelação dos mistérios de Deus e em segundo fonte de recriação do ser, de remodelação, de conversão para que o homem chegue à plenitude de sua vocação de filho de Deus. Esta palavra transformadora é encarnada na pessoa de Jesus de Nazaré, Ele é o *logos* do Pai que veio ao encontro da humanidade para procurar e salvar o que estava perdido e restabelecer um vínculo de união entre o homem e Deus. Como afirma Clément (2003, p. 37):

Como o homem iria a Deus, se Deus não tivesse vindo ao homem? Como o homem se libertaria de seu nascimento de morte, se não fosse regenerado segundo a fé por um novo nascimento, concedido generosamente por Deus, graças àquele que nasceu do seio da Virgem?

A Revelação do Cristo, a Palavra de Deus, é ponto central da prática da *Lectio Divina*. Pois em Cristo, no mistério de seu nascimento, vida, pregação, paixão morte e ressurreição está o núcleo central da fé cristã católica, e aqui se encontra a beleza: Jesus é o *Logos* do Pai, a Palavra que encarnada assume sobre si a natureza pecadora do homem, para que fosse possível revelar a sua natureza divina.

O Senhor nos deu um sinal nas profundezas e nas alturas', sem que o homem ousasse esperá-lo. Como poderia esperar ver uma virgem dar à luz um filho, ver nesse Filho um *Deus conosco* que descesse às profundezas da terra para procurar

a 'ovelha perdida', isto é, a criatura que ele tinha plasmado, e que voltasse depois para apresentar ao Pai este 'homem' (a humanidade) assim reencontrado? (IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias*, III, 19, 3. in; CLÉMENT. 2003. 36)

Seu amor por mim humilhou sua grandeza. Ele se fez semelhante a mim para que eu o receba, fez-se semelhante a mim para que eu possa revestir-me dele. Ao vê-lo, não tive medo porque ele é misericórdia para mim. Assumiu a minha natureza para que eu o compreenda, assumiu o meu rosto para que eu não me afaste dele (ODES DE SALOMÃO, 7. in: CLÉMENT. 2003. 37).

Como Palavra encarnada, por meio da *Lectio Divina* - da oração e da meditação que as lições desta nos incitam - acaba promovendo a possibilidade de mudança das realidades que em nossa natureza humana não vão de encontro com a Vontade de Deus. Isto viabiliza uma plenificação do ser humano, que somente em um relacionamento profundo com seu Deus é que se torna verdadeiramente humano.

Isso pode ser entendido, em primeiro lugar, no sentido (...) de que se dignou, por sua vinda na carne, concentrar-se para tomar um corpo e nos ensinar, em nossa linguagem humana e por parábolas, o conhecimento, que ultrapassa toda linguagem, das coisas santas e ocultas...

Pode também ser entendido pelo fato de que, por amor a nós, se oculta misteriosamente nas essências espirituais dos seres criados, como outras tantas letras, totalmente presente em cada uma, em toda a sua plenitude. (...) Em tudo o que é diverso está oculto aquele que é um e eternamente idêntico; nas coisas compostas, aquele que é simples e sem divisão; no que um dia precisou começar aquele que não tem começo, no visível, aquele que é invisível, no tangível, aquele que é intangível. (...)

Pode ser entendido, finalmente, pelo fato de que, por amor a nós, que somos lentos para compreender, dignou-se exprimir-se nas letras, nas sílabas e nos sons da escritura, a fim de atrair-nos para o seu seguimento e unir-nos em espírito (MÁXIMO, CONFESSOR. *Ambíguo*. (PG 91, 1285-1288). In: CLÉMENT. 2003. 36).

E aqui é interessante perceber que a revelação do mistério do Verbo de Deus e a conseqüente plenificação, gradual, do humano não é feita de forma negativa, ou seja, não é por meio da negação da

natureza humana e do corpo que a ascese acontece, mas sim, por uma aceitação verdadeira e convicta do amor de Deus, toda a necessidade de suprimir ímpetos da natureza humana provém de um reconhecimento, no amor. “No seu grande amor, Deus não quis forçar nossa liberdade, embora tivesse o poder de fazê-lo, mas deixou-nos vir a ele unicamente pelo amor de nosso coração” (CLÉMENT, 2003, p. 55). Sendo que esta relação de amor é fruto do cultivo de uma espiritualidade.

A história do amor entre Deus e o homem consiste precisamente no fato de que esta comunhão de vontade cresce em comunhão de pensamento e de sentimento e, assim, o nosso querer e a vontade de Deus coincidem cada vez mais: a vontade de Deus deixa de ser para mim uma vontade estranha que me impõem de fora os mandamentos, mas é a minha própria vontade, baseada na experiência de que realmente Deus é mais íntimo a mim mesmo de quanto o seja eu próprio (BENTO XVI. p. 64).

Compreendendo que somente em uma relação de amor é que a proximidade com Deus acontece, precisa-se compreender que esta ocorre por meio da espiritualidade. A palavra espiritualidade deriva, em português, de espírito palavra que possui sua raiz na língua latina. A raiz dela, *spiritus*, significa, dentre várias outras coisas: o sopro doador da vida. Aqui se deve entender vida de duas formas: a existencial e a vida nova em Deus. No que diz respeito à primeira, encontramos no livro do Gênesis a narração da criação humana e a confirmação de que é o espírito de Deus que doa a existência ao homem, a vida humana, portanto tem sua origem no sopro divino.

No que diz respeito à vida nova em Deus tem-se a narração do Pentecostes, quando o Paráclito, o prometido do Pai foi enviado aos discípulos para que estes pudessem ser revestidos pelo Espírito Santo, e com esta renovar, remodelar, suas vidas e compreendendo a Boa Nova pudessem anunciá-la. Desta forma pode-se afirmar que o

espírito é aquele que proporciona a existência, e, portanto nos constituímos em primeiro lugar seres espirituais.

Mas para podermos conceituar a espiritualidade é necessário ter em mente o que designa o sufixo *dade*. Este indica três situações: o estado, a ação e a qualidade de uma realidade definida. Assim espiritualidade significa um estado no qual o Espírito Divino age em nós com vistas a doar-nos qualidades suas, os dons divinos, talhando nossa alma, a fim de que possamos realizar em nossos corações o Reino de Deus. Como afirma um dos Santos Padres: “O Verbo se fez ‘portador da carne’ para que os homens pudessem vir a ser portadores do Espírito” (ATANÁSIO DE ALEXANDRIA. Sobre a encarnação e contra os arianos, 8. in: CLÉMENT. 2003. 54).

Percebe-se assim a importância da vivência da espiritualidade, pois nos unindo à Deus em uma relação de amor, podemos, paulatinamente recuperar nossa natureza de filhos. Assim, para nós cristãos faz-se estritamente necessário esta experiência do Pai no nosso íntimo, sabendo perceber quem somos, e mais importante, sabendo discernir se Deus é em nós. Sendo que a vivência desta abertura a um relacionamento vem de encontro com uma proposta de vivência da *Lectio Divina* para os homens da sociedade pós-moderna. Pois a necessidade deste tipo de religiosidade é central na atualidade.

A LECTIO DIVINA COMO CAMINHO ESPIRITUAL

Na Idade Média, um escrito denominado: Sobre a vida contemplativa, ou escada dos monges, escrito pelo monge cartuxo Guigo II, apresentava a *Lectio Divina* como um caminho espiritual. Ele inicia sua carta fazendo uma alusão à passagem do sonho de Jacó, quando viu uma escada, que, apoiando-se na terra, tocava com o cimo o céu; e anjos de Deus subiam e desciam pela escada, que como os anjos subiam esta escada também afirma que os cristãos

devem subi-la por meio de quatro degraus. Contudo, aqui é interessante ressaltar que – apesar do monge fazer alusão a degraus e os abordar de forma subsequente – não há a defesa de um método, mas de etapas que são vivenciadas não importando a ordem, mas que fazem parte de uma espiritualidade pautada na Palavra.

É verdade que, uma boa parte da tradição, interpretou os escritos como um método e o motivo disso já foi visto no capítulo primeiro. Mas se compreender a passagem é necessário analisá-la: entre os dois planos, celeste e terrestre, há uma escada que é sinal de união, os anjos sobem e descem, podendo-se inferir que antes o que estava no plano superior (céu) converte-se num plano inferior (terra). Portanto, eles não se auto-excluem, mas há uma dinâmica um movimento contínuo de ascendência e descendência, esse movimento, que é eterno, reproduz o mesmo sempre novo, atualizando. Portanto a escada, neste contexto não indica somente subida, mas também descida; indica relacionamento. Um subir da alma até Deus e um descer de Deus a te a alma. É nesse contexto que o escrito de Guigo deve ser inserido: os degraus são meios de se chegar a Deus, mas não se constituem um caminho a ser seguido necessariamente e em ordem, não é método, mas diretriz espiritual.

Os quatro degraus, ou as quatro diretrizes são: a leitura, a meditação, a oração e a contemplação, que são etapas vivenciadas ao longo do crescimento espiritual da pessoa humana. Como já foi apresentado a leitura e a meditação são as etapas da *Lectio Divina*, pois é por meio da leitura, do contato com a Escritura, que a análise existencial começa a ser realizada. O impacto das Verdades divinas com a vida pessoal, gera um momento de questionamento, de perguntas que surgem sobre a vida. A partir disso pode ser que, dependendo da Vontade da pessoa, um momento de meditação, de ruminação, de perceber no que aquela Palavra nos incita a reconhecer e a mudar em nossas vidas. Essa realidade não é simplesmente teórica, mas leva e impulsiona a prática, uma

meditação que permaneça em si mesma, em uma análise daquilo que Deus quer das pessoas, que não é aplicada à vida cotidiana, como busca de conversão, não se constitui enquanto tal. A meditação cristã sempre leva a uma mudança a uma ação, pois como diz São Paulo: “Cristo nos impulsiona” (2Cor. 5, 14), e ele é a Palavra que gera a meditação.

Mas ainda não acaba toda a dimensão da *Lectio Divina*, o impulso de mudança, de busca de conversão, não pode ser uma atitude meramente humana, o ser humano por si só não pode realizar isso, é necessário ter consciência da necessidade de Deus, pois ele é que age no ser humano. Como diz Bento XVI:

No que diz respeito aos colaboradores (...) não devem se inspirar nas ideologias do melhoramento do mundo, mas deixarem-se guiar pela fé que atua pelo amor. Por isso, devem ser pessoas movidas antes de mais nada pelo amor de Cristo, pessoas cujo coração, Cristo conquistou com seu amor (...). O critério inspirador da sua ação deveria ser a afirmação presente na II Carta aos Coríntios: “O amor de Cristo impulsiona”. A consciência de que, n’Ele, o próprio Deus Se entregou por nós até à morte, deve induzi-nos a viver, não mais para nós mesmos, mas para Ele e, com Ele para os outros (BENTO XVI. p. 65).

Para que isso verdadeiramente aconteça é necessária ação da Palavra, por meio da oração no coração humano. “Considera que a oração é a chave que abre o verdadeiro sentido das Escrituras” (CLÉMENT. 2003. p. 94).

Levantemo-nos, então, finalmente, pois a Escritura nos desperta dizendo: “Já é hora de nos levantarmos do sono”. E, com os olhos abertos para a luz deífica, ouçamos ouvidos atentos, o que nos adverte a voz divina que clama todos os dias: “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não permitais que se endureçam vossos corações”. E de novo: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça o que o Espírito diz às Igrejas”. E que diz? “Vinde, meus filhos, ouvi-me, eu vos ensinarei o temor do Senhor”. “Correi enquanto tiverdes a luz da vida, para que as trevas da morte não vos envolvam”. E procurando o Senhor o

seu operário na multidão do povo ao qual clama estas coisas, diz ainda: “Qual é o homem que quer a vida e que deseja ver dias felizes?”. Se, ouvindo, responderdes: “Eu”, Deus te dirá: “Queres a verdadeira vida, a eterna? Guarda a tua língua de dizer o mal e que teus lábios não profiram falsidade. Afasta-te do mal, faze o bem, procura a paz e segue-a”. E quando tiveres feito isso, estarão meus olhos sobre ti e meus ouvidos junto às tuas preces, e antes que me invoques dir-te-ei; “Eis-me aqui” (BENTO DE NURSIA. 1995. p. 8).

Esta é a natureza da *Lectio Divina*, ela é encarnada na vida, não é um momento, mas um contínuo ler, meditar, orar e contemplar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Lectio Divina* é uma prática espiritual que tem suas origens na Tradição Judaica, mas que foi inserida no contexto cristão. Originalmente, referia-se a uma prática espiritual mistagógica, por meio da qual a pessoa se aproximava de Deus. Com o passar dos anos, e conseqüentemente de modelos ou visões de mundo, foi recebendo diferentes interpretações, até que no Concílio Vaticano II é retomada novamente como prática. Entretanto, considerando que o tempo atual possui seus desafios, buscou-se nos escritos de Guigo II os fundamentos para refletirmos de que forma a *Lectio Divina* possa ser experienciada como um itinerário espiritual.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL. Nathan. **Conhecimento Judaico I**. Rio de Janeiro: A. Koogan editor, 1989.

BENTO DE NÚRSIA. **La Regla de San Benito**. Trad. García Colombás. Santiago: Cal&Canto, 1995.

BENTO XVI. **Carta Encíclica: Deus caritas est**. In: www.vatican.va. Acesso: 01/02/2006.

BÍBLIA DE JERUSALÉN: EDICIÓN PARA A LATINOAMÉRICA.

Espanha: Desclée De Brouwer, 1975.

BÍBLIA DO PEREGRINO. Trad. Ivo Storniolo, et alli. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Centro Bíblico Católico. 114. ed. São Paulo: Ave Maria, 1997.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, 1993.

CHITTISTER, Joan. **Sabedoria que brota do cotidiano: viver a Regra de São Bento Hoje.** Trad. I. F de A. Camargo. Juiz de Fora: Subiaco, 2004.

CLÉMENT, Olivier. **Fontes: os místicos cristãos dos Primeiros Séculos, textos e comentários.** Trad. Monjas beneditinas no Mosteiro de Nossa Senhora das Graças. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 2003.

COMPÊNDIO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Paulus, 2005.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA: *DEI VERBUM.* In: www.vatican.va. Acesso: 12/ 01/2006.

FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade.** 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

FRAILE, Guilherme. **Historia de la Filosofía II: el judaísmo, el Cristianismo, el Islamismo y la Filosofía.** 2. ed. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos, 1966.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média.** Trad: Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MCKENZIE, John. **Dicionário Bíblico.** 9. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

MIHALOVICI, Maria Ionel. **Fuentes del Pensamiento Judío.** Madrid, Studium, 1974.

NEGRO, Mauro. **Verbum Domine: Revelação e Escritura na Catequese.** Curitiba, [s.n.], 2006.

OUVIR E PROCLAMAR A PALAVRA: SEGUIR JESUS NO CAMINHO.

A catequese sob a inspiração da Dei Verbum. Estudos da cnbb, 91. São Paulo; Paulus, 2006.

REGNAULT, Lucien. À **escuta dos pais do deserto hoje**. Trad. Monjas beneditinas do Mosteiro de nossa senhora das graças. Juiz de Fora: mosteiro da Santa Cruz. 2000.

ROCHA, Paulo, et alli. **Lectio Divina: ontem e hoje II**. Salvador: [s.n.], 1989.

_____. **Lectio Divina: ontem e hoje**. Salvador: [s.n.], 1989.

RUTHES, Vanessa. **A concepção estética na Idade Média e no Renascimento**. Curitiba, [s.n.], 2001.

_____. **Espiritualidade na Catequese**. Curitiba, [s.n.], 2005.

_____. **Os métodos e teorias do conhecimento**. Curitiba, [s.n.], 2001.

TARNAS, Richard. **Epopéia do pensamento Ocidental: Para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo**. trad. Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VEILLEUX, Armand. **Lectio Divina como escola de oração entre os Padres do Deserto**. Rio Negro, [s.n.], 1995.

TERMO DE COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE

Eu, Vanessa Roberta Massambani Ruthes, portador/a da carteira de identidade nº 7.247.597-6 na qualidade de estudante regularmente matriculado/a no Bacharelado em Teologia da Faculdade São Braz sob o n. 121812 declaro, para os devidos fins, que o Trabalho de Conclusão de Curso encontra-se plenamente em conformidade com os critérios técnicos, acadêmicos e científicos de originalidade. Nesse sentido, declaro, para os devidos fins, que o referido TCC foi elaborado com minhas próprias palavras, ideias, opiniões e juízos de valor, não consistindo, portanto, PLÁGIO, por não reproduzir, como se meus fossem, pensamentos, ideias e palavras de outras pessoas. O/a Professor/a responsável pela orientação de meu trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentou-me a presente declaração, requerendo o meu compromisso de não praticar quaisquer atos que pudessem ser entendidos como plágio na elaboração de meu TCC, razão pela qual declaro ter lido e entendido todo o seu conteúdo e submeto o trabalho como fruto de meu exclusivo trabalho.

Curitiba, 30 de julho de 2023